

APRESENTAÇÃO ÀS DIRETIVAS PARA UM MANIFESTO PERSONALISTA DE BERNARD CHARBONNEAU E JACQUES ELLUL

Por Silas Fiorotti¹

Nossa intenção era publicar esta tradução do *Diretivas para um manifesto personalista* no primeiro número da revista *Espiritualidade Libertária*, especificamente no dossiê intitulado *O pensamento de Jacques Ellul* (cf. Gervais, 2010; Paiva, 2010; Troude-Chastenet, 2010). No entanto, não pudemos evitar alguns contratempos.

Os amigos Bernard Charbonneau (1910-1996) e Jacques Ellul (1912-1994) foram dois expoentes do movimento personalista. Nascidos na cidade de Bordéus, na França. O primeiro filósofo e o segundo sociólogo e teólogo. Ambos possuem obras extensas e pouco difundidas no Brasil.

O movimento personalista surgiu na França, na década de 1930, em torno das revistas *Esprit* e *Ordre Nouveau*, supostamente guiado por Emmanuel Mounier (1905-1950). Segundo Danilo Zolo (2000), este movimento “desenvolve uma concepção filosófica, chamada personalismo comunitário, que insiste no valor absoluto da pessoa e nos seus vínculos de solidariedade com as outras pessoas”

¹ Silas Fiorotti é bacharel em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), e participa do Coletivo por uma Espiritualidade Libertária. E-mail: silas.fiorotti@gmail.com.

(*ibidem*, p. 925). O universo pessoal não poderia ser definido “objetivamente” porque a pessoa não é um “objeto”, mas sim

uma atividade vivida de autocriação, de comunicação e de adesão, que se apreende e conhece a si mesma em seu próprio ato, como movimento de personalização. (Mounier *apud* Zolo, 2000, p. 926)

E, segundo Zolo, este movimento

expressa sobretudo uma sincera e apaixonada necessidade de renovação da cultura europeia entre as duas guerras e, particularmente, da espiritualidade cristã, que Mounier crê contaminada por uma indébita solidariedade com a ética e os interesses do mundo burguês. (*ibidem*, p. 926)

É o que vemos neste texto – *Diretivas para um manifesto personalista* – que foi escrito, em 1935, pelos jovens amigos Bernard Charbonneau e Jacques Ellul (1999). Um manifesto que antecedeu até mesmo o manifesto de Emmanuel Mounier publicado em 1936.

Jacques Ellul é conhecido por suas críticas à autonomização e sacralização da técnica. Em 1954, no livro *A técnica e o desafio do século*, Ellul afirmou que

quando a técnica penetra em todos os domínios e no próprio homem, que se torna para ela um objeto, a técnica deixa de ser ela mesma objeto para o homem, torna-se sua própria substância: não é mais colocada em face do homem, mas nele se integra e o absorve progressivamente. (Ellul, 1968, p. 5)



E, neste manifesto de 1935, Charbonneau e Ellul já criticavam a universalização da técnica: “A técnica não é um fim em si, ela não tem interesse a não ser enquanto ela é útil ao homem” (Charbonneau e Ellul, 2004, p. 75). A técnica compreenderia aspectos imprevisíveis, por isso é preciso ter cautela com ela. A integridade humana não pode ser colocada em risco:

logo que o homem pare de ser a medida de tudo para aceitar um mundo que ele não pode controlar; tão cedo o homem aceite a morte de suas faculdades criativas ele dá livre jogo à fatalidade. (*ibidem*, p. 67)

O pecado consistiria na recusa de sermos pessoas conscientes de nossa vocação criativa, do nosso espírito, para simplesmente aceitarmos as influências do exterior e sermos meros proletários e consumidores. E podemos encontrar outros temas enunciados neste texto que foram desenvolvidos posteriormente na obra de Ellul (*cf.* Ellul, 1984, 1985, 1990, 2008, 2010).

A mudança vem de dentro. Charbonneau e Ellul não aceitam a utilização dos mesmos meios ou estratégias do Estado, dos partidos políticos etc. Porque os meios não são neutros e determinam os fins. Não é uma questão de mudar a política do Estado ou substituí-lo por outro igual, mas mudar a vida dos cidadãos. Nem mudar as instituições religiosas, mas mudar a fé dos fiéis. Diminuir o poder efetivo da técnica e das instituições em nós mesmos.

Referências bibliográficas

- CHARBONNEAU, B.; ELLUL, J. (2004) [1935], *Directives pour un manifeste personaliste*. In: *Cahiers Jacques Ellul, "Les années personalistes"*, Bordeaux, A.I.J.E., 2004, n. 1, pp. 63-79.
- ELLUL, J. (1968) [1954], *A técnica e o desafio do século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1979) [1975], *Apocalipse: arquitetura em movimento*. São Paulo: Paulinas.
- _____. (1980) [1977], *The Technological System*. New York: Continuum.
- _____. (1984) [1981], *A palavra humilhada*. São Paulo: Paulinas.
- _____. (1985) [1982], *Mudar de revolução: o inelutável proletariado*. São Paulo: Rocco.
- _____. (1990) [1988], *The Technological Bluff*. Grand Rapids: Eerdmans.
- _____. (1991) [1988], *Anarchy and Christianity [Anarquia e cristianismo]*. Grand Rapids: Eerdmans. [Traduzido ao português por Filipe Ferrari em 2009].
- _____. (2006) [1966], *Política de Deus, política do homem*. São Paulo: Fonte Editorial.
- _____. (2008) [1954], *O homem e o dinheiro: aprenda a lidar com a origem de todos os males*. Brasília: Palavra.
- _____. (2010) [1988], *Anarquia e cristianismo*. São Paulo: Garimpo Editorial.
- GERVAIS, M. (2010), *Hombre, Dios y Historia segun Jacques Ellul*. In: *Espiritualidade Libertária*, São Paulo, n. 1 (1. sem. 2010), pp. 20-45. Disponível na página: http://espiritualidadelibertaria.files.wordpress.com/2010/07/03_n1_gervais_1.pdf.
- PAIVA, S. V. K. (2010), *Música, tecnologia e consumo*. In: *Espiritualidade Libertária*, São Paulo, n. 1 (1. sem. 2010), pp. 46-59. Disponível na página:



http://espiritualidadelibertaria.files.wordpress.com/2010/07/04_n1_paiva.pdf.

TROUDE-CHASTENET, P. (2010), *Jacques Ellul: anarquista, mas cristão*. In: Espiritualidade Libertária, São Paulo, n. 1 (1. sem. 2010), pp. 13-19. Disponível na página: http://espiritualidadelibertaria.files.wordpress.com/2010/07/02_n1_troude-chastenet.pdf.

ZOLO, D. (2000), *Personalismo*. In: BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO, G. (2000), *Dicionário de política*. 5. ed. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial, v. 2, pp. 925-927.